

TESSITURAS EM UM GRUPO DE SUPERVISÃO: ATO CLÍNICO EM AÇÃO

Wilma Magaldi Henriques¹
Universidade de Mogi das Cruzes

RESUMO

Tem como objetivo relatar parte do percurso enquanto supervisora de estágios em um curso de Psicologia de uma IES no Alto Tietê, São Paulo. Em geral, quando os alunos iniciam seus estágios, se pensam como unidade isolada. Necessitam de uma “mãe suficientemente boa” para que saiam da dependência e da hiperindividualização. Tarefa árdua e nada fácil a da supervisora, mas também de intensa beleza. Para começarem a se constituir numa grupalidade é necessário oferecer um ambiente continente (atos clínicos em ação) e continuamente solicitar uma construção coletiva através da circulação de ideias e de experiências, fortalecendo o encontro vincular e possibilitando uma pluralidade de vozes. Dos inúmeros mediadores para fortalecer o trabalho grupal, utilizo alguns com mais frequência, como o diário de bordo e o pictograma grupal que relevam cadeias associativas, conduzindo a diferentes tessituras, possibilitando sonhar e produzir coletivamente, abrindo espaço para o contínuo exercício do encontro com a alteridade e fortalecendo a grupalidade.

Palavras chave: Atos Clínicos. Pictograma grupal. Grupalidade.

Sou feita de retalhos

Cora Coralina

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... que me tornam mais pessoa, mais humano, mais completo.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte de suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós.

Constituímos a nossa cultura privilegiando categorias e, assim, o mundo moderno privilegia a cultura do ego. Temos, com frequência, dificuldade de entender o outro, dificuldade esta derivada da categoria clássica cartesiana que

¹ Autorizo a publicação deste trabalho, sem edição, e com a autoria indicada.

colocou o “eu” como a principal delas e na qual é preciso ter consciência de mim e não do outro, resultando numa cultura essencialmente baseada no individualismo e no egocentrismo, onde não respeitamos a subjetividade desse outro.

Vivemos num mundo onde estas categorias egóicas estão de tal forma arraigadas em nós que são muito difíceis de serem desfeitas. Como seria um mundo em que eu dependesse do outro e não o outro de mim?

Ávila (2016) nos ensina que o eu é uma entidade plural e múltipla, pois o outro me constitui. Devo ao outro a minha própria existência, o que sou é o que sou justamente com outras pessoas com quem me relaciono. O autor ainda nos mostra que grupo e indivíduo são fenômenos imbricados, que o indivíduo forma o grupo e o grupo forma o indivíduo, ou seja, dentro do indivíduo existe uma pluralidade. Assim, segundo Kaes (1997), a hipótese do inconsciente exige novas considerações: de uma tópica individual em direção a uma tópica transindividual e intersubjetiva. Ainda, o grupo funciona como o sonho, como o sintoma, possibilitando uma conversão de desejos buscando caminhos de realização imaginária.

Objetivo

Além de relatar algumas experiências do meu percurso enquanto supervisora de estágios em clínica em um curso de Psicologia numa IES do Alto Tietê, São Paulo, o trabalho busca historicizar o processo de supervisão no qual os participantes abandonam um possível eu singular e individual para experienciar um eu grupal e plural.

Metodologia

Foram realizados 18 encontros de supervisão com a participação de 10 alunos do oitavo período de Psicologia, na disciplina Estágio em Clínica I.

Procedimento: Na primeira fase do estágio os alunos se dividiram de acordo com suas preferências por abordagens teóricas. Na segunda fase, já constituído o agrupamento, discutiu-se questões administrativas do serviço escola onde se realizam os estágios e os textos que alicerçariam as práticas a serem realizadas. Na terceira fase, os estagiários começaram a prática do atendimento clínico semanal, grupal ou individual, com supervisões e relatórios

semanais. Na quarta fase foi usado como mediador terapêutico o pictograma grupal.

Análise do processo

Os estagiários já haviam tido outros tipos de supervisão e nessa, em especial, deixamos claro que teríamos uma supervisão “de” um grupo e “em” grupo. A princípio, aconteceram muitas opiniões soltas e desarticuladas. Quando tomaram consciência de que podiam ter um projeto em comum é que o grupo começou a nascer e a partir de atos clínicos em ação que a supervisora proporcionou, que houve abertura para que o sujeito plural pudesse se manifestar. Continuamente foi solicitada uma construção coletiva, através da circulação de ideias que possibilitaram uma pluralidade de vozes convergentes na direção de um único destino. Por meio dos diários de bordo² a supervisora foi conhecendo a grupalidade existente em cada um dos membros e durante as supervisões permitiu ao grupo um espaço fundamental para a investigação dos processos psíquicos, onde a aliança inconsciente era pensada como uma formação psíquica, intersubjetiva, construída pelos estagiários, configurando o que Kaes (1997) afirma no modelo do aparelho psíquico grupal: o grupo é um lugar de uma realidade psíquica própria.

Em paralelo a esse fazer, a supervisora foi cuidando, zelando, prestando atenção a cada um do grupo. Foi tecendo na função de “holding” (sustentação) e de “containing” (continência) experiências de transformação e crescimento emocional. Dessa forma possibilitou ao grupo a capacidade para sonhar e ajudou a dar forma, colorido, palavra e voz aos estratos mais profundos do psiquismo. Percebeu-se que a presença implicada do outro foi indispensável, segurando, hospedando, reconhecendo (atos clínicos em ação trazendo transformações).

Ao final do processo solicitou ao grupo o pictograma grupal que, segundo Pezo (2015) é uma produção conjunta que articula traços, desenhos singulares com aquilo produzido conjuntamente, possibilitando que os membros vivenciem,

² Diário onde se registram as “pulsões”, as vibrações, as “afecções” de um grupoterapeuta na sua tarefa clínica e em suas supervisões; (Cf. Abbagnano (1982, p. 18-19). Afecção designa todo estado, condição ou qualidade que consiste no sofrer uma ação ou no ser influenciado ou modificado por ela. A palavra afecção é empregada por Espinoza para definir o que ele chama de affectus e que nós chamamos emoções ou sentimentos.

elaborem e se apropriem subjetivamente das experiências que não puderam ser ditas, fortalecendo o encontro vincular. Com o pictograma grupal, particularidades das cadeias associativas grupais foram sendo expressas e os membros do grupo, ao desenharem juntos, foram trazendo conteúdos psíquicos como em um sonho, revelando-se a grupalidade.

(In) conclusões

Os participantes puderam experienciar o grupo como se fosse um único organismo. A partir do meio do processo os estagiários começaram a se referir aos demais como “nós” revelando-se assim em processo de “fusão” um sujeito plural, como se vê no pictograma grupal realizado.



Referências

- Avila, Lazslo A. (2016). Grupos: uma perspectiva psicanalítica. São Paulo. Zagodoni.
- Kaes. R. (1997). O Grupo e o Sujeito do Grupo. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo. Casa do psicólogo.
- Pino, Maria Antonieta Pezo del. (2015). Do squiggle game ao pictograma grupal: a especificidade das cadeias associativas grupais. *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 131-142. Recuperado em 15 de agosto de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000100011&lng=pt&tlng=pt